

COM QUANTOS PAUS SE FAZEM O RIO CANOAS

Franca tem, desde o final dos anos 90, o atendimento integral em água potável e esgotos tratados da zona urbana, realidade excepcional em termos de cidades médias na América Latina. O sistema utilizado capta a água no rio Canoas (divisa SP-MG), próximo à região metropolitana da grande Claraval, o Garimpo das Canoas da família do Munir Kanni, meu amigo e colega da Faculdade de Arquitetura. As águas do Canoas, por muitos anos, foi fonte inesgotável para a cidade e sua degradação colocaria em risco o abastecimento local. No início dos anos 90, foi aprovada uma lei de proteção à bacia do Canoas, ameaçada então pela possível construção de conjuntos habitacionais do próprio governo estadual e loteamentos privados. A expansão horizontal descontrolada da maioria das cidades brasileiras é fruto de um agressivo e poderoso setor imobiliário, que faz com que os mais pobres vivam em periferias cada vez mais distantes dos locais de emprego, trabalho e lazer.

A proteção ao Canoas foi consolidada no novo Plano Diretor da cidade em 2003. A partir de 2005, com o PSDB no poder municipal, as coisas começaram a mudar para pior. Alteração ao Plano Diretor permitiu a construção na bacia do Canoas de um presídio para mil detentos, dentro da política Tucana de encarceramento em massa de pobres e pretos, enquanto o “Santo” e o “Careca” se ocupavam com suas rentáveis privatizações. Aqui, a Prefeitura do “gestor” Sidnei Rocha renovou o contrato de concessão com a SABESP a troco de dinheiro usado em asfalto para o “Deus Automóvel”. Nenhum centavo foi para saneamento básico, mesmo que a crise hídrica e o aquecimento global fossem conhecidos.

Em 2018, escrevi nestas Anacrônicas e agora cometo um autoplágio das minhas previsões do futuro: “Com o esgotamento da capacidade do Canoas para atender o crescimento da população, a SABESP investiu na captação da água do rio Sapucaí. Escutem o que digo como aprendiz de profeta do apocalipse: estão se unindo para acabar com a lei do Canoas mercadores de terras, picaretas, especuladores, vendedores de ilusões, enfim, o “crème de la crème” de gente que acha que o aquecimento global é ilusão, que as cidades devem manter sua matriz rodoviário-petrolífera crescendo sem limites, que esse papo de “sustentabilidade” é coisa de comedor de alface. Só seus lucros interessam. No dia em que um sorridente político acionar as bombas do novo sistema do Sapucaí, outra será lançada. O Plano Diretor será imediatamente alterado para atender a avidez daquela gente em lotear a bela região que divide Franca com as Minas Gerais e o antigo Garimpo das Canoas vai se ver com uma ocupação extensiva, desenfreada, predatória. Aguardem”. Reconheço meu erro como pitonisa em 2018: não esperaram sequer chegar a água do Sapucaí.

Só de colocar em discussão a conversa mole de “ocupação sustentável” e manutenção do balanço hídrico do Canoas, já venceram. Uma cidade que tem quase 40 mil lotes vagos com água, esgoto, eletricidade e pavimentação, que tinha ao menos 15 mil construções vazias em 2010 (quantas mais serão hoje, na pandemia?), que não regulamentou o IPTU Progressivo para terreno vazio previsto no Plano Diretor de 2003, que extinguiu sua empresa pública de habitação social, precisa mesmo de expandir com mais lotes? Como disseram quando escolheram Bozo em detrimento de Haddad, “uma escolha difícil”: queremos água para todos ou lucro para poucos?

Mauro Ferreira é arquiteto